

A PEÇA DE DIU

MEMORIA DESTINADA À X Sessão

DO

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS ORIENTALISTAS

POR

DAVID LOPES

E

F. M. ESTEVES PEREIRA

Ss. S. G. L.

Ant. Fr. Soares



Antonio Francisco Barata

[Signature]

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1892



David Lopes

A PEÇA DE DIU

I

A bocca de fogo, conhecida pelo nome de *Peça de Diu*, que actualmente está depositada no pateo do Museu do Commando Geral de Artilharia com o n.º 18, é um *basilisco* segundo a antiga denominação, e segundo a moderna nomenclatura é classificada como *peça de sitio e de praça*.

A peça tem as seguintes dimensões:

| | |
|--|-------------------------|
| Espessura do boleado da culatra..... | 0 ^m ,08 |
| Comprimento do refôrço | 2 ^m ,84 |
| Comprimento da bolada..... | 2 ^m ,96 |
| Comprimento da tulipa..... | 0 ^m ,18 |
| Comprimento total..... | <u>6^m,06</u> |
| Circumferencia do refôrço junto da culatra..... | 2 ^m ,230 |
| Circumferencia na bocca | 1 ^m ,435 |
| Calibre..... | 0 ^m ,235 |

Peso approximado 19:494 kilogrammas.

A peça é de carregamento pela bocca, e pode arremessar balas de ferro de 110 libras (50 kilogrammas).

Esta peça, formada de uma liga de cobre e estanho, está bem fundida; mas não foi depois torneada, conservando ainda as escabrosidades da fôrma. Proximo da extremidade anterior do reforço a peça tem dois munhões, que entram em uma caixa de forma especial, e permitem dar inclinação ao eixo da peça no plano vertical.

II

Na parte superior da bolada da *Peça de Diu* existe uma inscripção, em caracteres arabes *neskhis*, de sete linhas, dentro de um rectangulo de 0^m,395 por 0^m,480; e na parte inferior d'este ha mais uma palavra em outro rectangulo de 0^m,080 por 0^m,050. Os caracteres da inscripção são em relevo, e bastante nitidos; mas a sua leitura torna-se algum tanto difficil, porque nas tres primeiras linhas muitas palavras estão entrelaçadas, e sobrepostas a outras formando grupos. Os caracteres são providos dos respectivos pontos diacriticos, excepto duas vezes; e muitas palavras têm vocalisação, a qual foi conservada no texto impresso junto. As primeiras cinco linhas são em prosa rimada, terminando na consoancia *ân* o meio das primeiras quatro linhas, e o final d'estas e da quinta.

Esta inscripção, acompanhada de uma traducção portuguesa, foi primeiramente publicada por James Murphy no seu livro *Travels in Portugal* (London, 1795, p. 154 a 156, e platte VII), segundo uma nota que lhe communicou o P. João de Sousa, religioso da 3.^a ordem da Penitencia da Provincia de Portugal. O texto da inscripção é dado na estampa VII á maneira de facsimile; mas do seu exame deprehende-se que o P. João de Sousa leu de um modo incorrecto muitas palavras da inscripção, e não comprehendeu o sentido de outras.

Na traducção francesa do livro de Murphy (*Voyage en Portugal, traduit de l'anglais, de Jacques Murphy*, Paris,

1797, p. 173 a 175, e planche VI, D) foi reproduzido o trabalho do P. João de Sousa com as mesmas incorrecções da edição inglesa.

O P. João de Sousa na sua *Memoria de quatro inscripções arabicas com as suas traducções*, publicada nas *Memorias de litteratura portugueza* (tom. v, p. 363 a 367, e nota p. 376) deu a leitura do texto arabe e a traducção portuguesa da mesma inscripção. A traducção é menos incorrecta, do que a que se lê no livro de Murphy, comtudo parece não ter comprehendido ainda o sentido de algumas phrases.

Silvestre de Sacy leu ao Instituto Nacional de França, no dia 3 de Thermidor do anno XI, uma *Memoria sobre algumas inscripções arabes existentes em Portugal*, que foi publicada na *Historia e memorias do Instituto Nacional de França, classe de historia e de litteratura antiga* (Paris, 1815, 2.^a serie, tom. II, p. 596 a 711).

Nesta memoria S. de Sacy criticou vivamente a leitura e a traducção do P. João de Sousa; e posto que tivesse á sua disposição apenas o facsimile que se encontra no livro de Murphy, e o texto arabe publicado nas *Memorias de litteratura portugueza*, propoz diversas correcções á leitura feita pelo P. João de Sousa, e deu uma traducção. S. de Sacy foi o primeiro que reconheceu o parallelismo e a rima existentes nas cinco primeiras linhas da inscripção.

Como ao tempo da publicação da memoria de S. de Sacy já fosse fallecido o P. João de Sousa, a Academia Real das Sciencias de Lisboa encarregou Fr. José de Santo Antonio Moura de examinar novamente a inscripção da *Peça de Diu*, de verificar a exactidão das correcções propostas por S. de Sacy á leitura do P. João de Sousa, e de ponderar os fundamentos dos reparos criticos do mesmo sabio á *Memoria* do P. João de Sousa. Fr. José de Santo Antonio Moura, auxiliado pelo professor de arabe Fr. Manuel Rebello e do seu substituto Fr. Antonio de Castro, procedeu a novo e detido exame da inscripção da *Peça de Diu*, e em resultado apresentou á Academia das Sciencias

de Lisboa, na sessão de 11 de novembro de 1818 a sua *Memoria apologetica sobre o verdadeiro sentido da inscripção que se acha na Peça chamada de Dio*, que foi publicada na *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa* (Lisboa, 1827, 1.^a serie, tom. x, p. 1 a 8). Fr. José de Santo Antonio Moura, tributando a S. de Sacy o respeito e admiração que lhe inspiravam as obras, com que este sabio orientalista tinha enriquecido os estudos arabicos, não pôde deixar de reconhecer que algumas das correções, propostas por S. de Sacy á leitura do P. João de Sousa, não eram confirmadas pela inscripção, e que alguns dos reparos criticos feitos á *Memoria* do P. João de Sousa eram menos bem fundados. Fr. José de Santo Antonio Moura não se limitou a estas observações; mas deu a leitura exacta da inscripção, que fez acompanhar de um excellente facsimile em estampa, e propoz uma nova traducção. Com a memoria de Fr. José de Santo Antonio Moura pode dizer-se que ficou fixada de um modo definitivo a leitura e o sentido geral da notavel inscripção.

Da *Peça de Dio* foi publicada uma noticia historica na *Revista militar* (Lisboa, 1860, tomo XII, pag. 714 a 716) pelo então major graduado A. F. de Sousa Pinto. Nesta noticia é reproduzida a traducção publicada por Fr. José de Santo Antonio Moura.

Foi provavelmente esta noticia historica que serviu para redigir o lançamento correspondente á *Peça de Dio*, que se lê, sob o n.º 18, no *Livro do registro do Museu do Commando Geral de Artilharia*; mas a copia da traducção tem muitas incorrecções, devidas á negligencia do copista.

A mesma traducção foi recentemente publicada, com as incorrecções do *Livro do registro do Museu do Commando Geral de Artilharia*, na folha de seda, que serve de guarda á estampa collocada em frente da pagina 248 da edição dos *Lusiadas*, illustrada por Alfred Bramtot (Paris, 1890). A estampa junta á mesma folha contém em vinheta um ligeiro facsimile da inscripção, em escala muito reduzida, desenhado pelo sr. Carlos Adolpho Marques Leitão.

III

INSCRIÇÃO

لِمَوْلَانَا سُلْطَانِ سُلَاطِينِ الزَّمَانِ الْحَمِيدِ لِسَنَةِ نَبِيِّ الرَّحْمَانِ
 الْمُجَاهِدِ فِي أَعْلَاءِ أَوَامِرِ الْقُرْآنِ الْقَامِعِ اسَاسِ أَهْلِ الطَّغْيَانِ
 الْقَالِعِ دِيَارِ عِدَّةِ الْأَوْتَانِ الْغَالِبِ فِي يَوْمِ التَّقَى الْجَمْعَانِ
 الْوَارِثِ لِمَلِكِ سَلِيمَانَ الْوَاتِقِ بِاللَّهِ النَّانِ
 مَالِكِ الْفَضَائِلِ بِهَادِرِ شَاهِ السُّلْطَانِ
 هَذَا الْمُدْفَعِ الْمَصْنُوعِ فِي الْخَمَاسِ مِنْ شَهْرِ
 ذِي الْقَعْدَةِ سَنَةِ تِسْعٍ وَثَلَاثِينَ وَتِسْعِ مِائَةٍ
 يَسْمَى

TRADUÇÃO *

De nosso senhor o Sultão dos sultões do tempo; vivificador da Tradição do Propheta de [Deus] Misericordioso; que combate pela exaltação dos preceitos do Corão; derrubador dos fundamentos dos partidarios da impiedade; que afasta as habitações dos adoradores dos idolos; vencedor no dia do encontro dos dois exercitos ¹; herdeiro do reino de Salomão; confiado em Deus Bemfeitor; possuidor das virtudes; Bahâdur xâh, Sultão: esta peça foi feita a 5 do mez de Dhul Kâ'da, anno de novecentos e trinta e nove.

.....

* Mr. Hartwig Derenbourg, nosso Professor de arabe litteral na Escola especial de linguas orientais vivas, de Paris, quiz, a nosso pedido, rever a leitura e a traducção da inscripção; adeante damos as annotações que o sabio arabista nos enviou. (Lopes).

¹ *Corão*, III, 149, 160; VIII, 42. (Mr. Hartwig Derenbourg).

COMMENTARIO

Linha 1. Nas transcripções feitas pelo P. João de Sousa, S. de Sacy e Fr. José de Santo Antonio Moura, não foi dada a vocalisação, que se vê na inscripção da *Peça de Diu*.

Sousa traduziu o primeiro inciso :

Do nosso Soberano Rei dos Reis do seculo.

S. de Sacy :

A notre maître sultan des sultans de ce siècle.

Moura :

A nosso Amo, Rei dos Reis do prezente Seculo.

Por *sultão do tempo* entende-se o *sultão actual*.

Sousa leu o segundo inciso do modo seguinte :

المحيى بنى لست الرحان ;

e traduziu :

Protector dos filhos de Setrahán ;

entendendo por Setrahán seis provincias independentes, protegidas pelos imperadores othmanos, e d'onde tiravam os mancebos mais alentados para a sua guarda e do serralho.

S. de Sacy conjecturou que devia ler-se :

المحيى دين الله الرحان ,

e traduziu :

Qui fait revivre la religion du Dieu miséricordieux:

Moura reconheceu que a conjectura de S. de Sacy não era confirmada sobre a inscripção, e deu a leitura exacta

المحيى لسنة نبي الرحمان

que traduziu:

Vivificador da Lei do propheta do Misericordioso.

Linha 2. Sousa leu:

المجاهد في اغلاء اوامر القران

e traduziu:

defensor dos preceitos do Alcorão.

S. de Sacy observou que se devia ler اغلاء em vez de اغلاء, como Sousa, e traduziu todo o inciso:

Qui combat pour l'exaltation des préceptes de l'Alcoran.

Esta lição foi confirmada por Moura, que traduziu o inciso assim:

Esforçado guerreiro na exaltação dos preceitos do Alcorão.

Sousa leu o segundo inciso da seguinte maneira:

القامع اساس اهل الطيان

que traduziu:

destruidor dos Tanéos;

entendendo por estes os habitantes de uma das ilhas do Nilo, os quaes não eram christãos, nem judeus nem mohammetanos.

S. de Sacy trocou entre si, por lhe convir mais ao sentido, a primeira palavra القامع do segundo inciso da segunda linha e a primeira palavra القالع do primeiro inciso da terceira linha; e traduziu o segundo inciso da segunda linha:

Qui arrache les fondemens des sectateurs de l'erreur.

Moura restabeleceu a verdadeira lição, lendo القامع no segundo inciso da segunda linha e القالع no primeiro inciso da terceira linha, e traduziu o segundo inciso da segunda linha do seguinte modo:

humilhador do fundamento dos Sectarios do erro.

Linha 3. Sousa traduziu o primeiro inciso assim:

Expugnador dos Idolatras

S. de Sacy, como já se disse, alterou a primeira palavra d'este inciso, que traduziu:

Qui subjugue les pays des adoreteurs des idoles.

Moura restabeleceu a verdadeira lição da primeira palavra d'este inciso, e traduziu:

destruidor das habitações dos adoradores dos idolos.

القالع significa *aquelle que afasta*; o sentido, segundo Mr. Derenbourg, o qual adoptámos, é que o sultão Bahâdur repelle os adoradores dos idolos, fazendo que elles occupem um paiz cada vez mais afastado do seu.

Sousa traduziu o segundo inciso:

Vencedor no dia da peléja.

S. de Sacy traduziu:

*Qui a remporté la victoire au jour où les deux armées
se sont trouvées en présence.*

Moura traduziu:

Vencedor no dia do encontro dos dous Exercitos.

Linha 4. Sousa traduziu o primeiro inciso:

herdeiro do Rei Soleiman.

S. de Sacy traduziu:

Qui a hérité de l'empire de Salomon;

observando que é uma allusão á monarchia universal attribuida pelos mohammetanos ao filho de David.

Moura traduziu:

Herdeiro do Reino de Salomão.

Mr. Derenbourg traduz:

héritier de la royauté de Salomon;

isto é, *herdeiro do seu modo de reinar, da sua sabedoria.*

Sousa traduziu o segundo inciso:

Confidente em Deos; Liberal;

fazendo d'esta ultima palavra, não um attributo de Deus, mas um epitheto do sultão, referindo-o ao inciso seguinte.

S. de Sacy traduziu este inciso:

Qui met sa confiance dans le Dieu bienfaisant;

e observou que o parallelismo e a rima não permitem referir المنان, *bienfaisant*, ao inciso seguinte.

Moura traduziu:

confiado em Deos Bemfeitor.

Linha 5. Sousa leu esta linha:

مالك جميع الفضائل بهادر شاه السلطان

que traduziu:

e dotado de todas as excellencias; Bahadar-chah.

Deve observar-se que a palavra جميع não se lê na inscripção, e foi interpollada por Sousa; quanto a Bahadar chah, Sousa diz que é nome turco, composto de *Bahadar* e *chah*, que por antonomasia se deu a Sulaimân, sultão dos Turcos; e que significa *imperador valeroso e guerreiro*.

S. de Sacy conservou a palavra جميع, segundo a leitura de Sousa; mas reconheceu em بهادر شاه o nome de Bahâdur xâh, rei de Cambaia, e traduziu esta linha:

Qui est doué de toutes les vertus, le sultan Bêhadur schah.

Moura restabeleceu a verdadeira lição d'esta linha, supprimindo a palavra جميع, e traduziu:

e possuidor das Virtudes, o Soberano Bahadur Xah.

Linhas 6 e 7. Sousa e S. de Sacy supprimiram o artigo antes da palavra خامس.

Sousa traduziu estas duas linhas:

Esta Peça foi fundida a cinco do mez de Zicâde de 939 da Hegira;

e dá como correspondente d'esta data 4 de agosto de 1533 de J. C.

S. de Sacy traduziu:

Ce canon, fait le 5 de Dhoulkada de l'an 939;

e rectifica a correspondencia da data, que é 29 de maio de 1533 de J. C.

Moura traduziu estas duas linhas:

esta peça, fundida a 5 de Dul-Kaada do anno 939.

Linha 8. Sousa não traduziu a palavra *يسمى*.

S. de Sacy traduziu esta palavra por:

se nomme;

observando que nas copias faltava o final da inscripção, ou pelo menos uma palavra, que devia ser o nome da peça.

Moura contestou a interpretação de S. de Sacy; suppoz que *يسمى* era a primeira forma, que, segundo Golius, significa *extulit se res illi ut conspicua evaserit*, o que equivale a *erigir-se, dedicar-se, consagrar-se*; traduziu *se dedica*; e suppoz que o complemento d'este verbo estava nas primeiras cinco linhas da inscripção, regido pela preposição *ل*, crendo que o sentido da inscripção ficava assim completo.

A palavra *يسمى* evidentemente não faz parte das phrases da inscripção, contidas dentro do rectangulo maior, pois existe fora d'este; por isso Mr. Derenbourg julga que esta palavra é talvez o nome do fundidor da peça, assim como sobre as moedas se observa constantemente a addição de um nome de editor responsavel. Resta, pois, procurar um nome proprio indio que possa ser identificado com *يسمى*. Poderia tambem admittir-se que a mesma palavra fosse o nome da localidade, onde a peça foi fundida; mas, como na hypothese precedente, a difficuldade está em encontrar um nome de povoação do Guzarate, que possa ser identificado com *يسمى*.

IV

Segundo o texto da inscripção a *Peça de Diu* pertenceu a Bahâdur, sultão de Cambaia, que reinou de 1526 a 1537¹; foi fundida a 5 do mez de Dhul Ka'da do anno de 939 da Hegira, que corresponde a 29 de maio de 1533 de J. C.; mas não se designa o logar da sua fundição. Esta peça foi encontrada nos armazens da cidade de Diu, por occasião da morte de Bahâdur, succedida a 21 de fevereiro de 1537. João de Barros diz o seguinte a respeito da mesma peça: «Mas o que per morte d'el Rei Badur se achou [em Dio] em seus almazens de polvora, materiaes para fazer outra, muitos artificios de fogo, espingardas, arcos e frechas sem conto, e todas outras munições, grande numero de sellas, e ricas cobertas de cavallos, e armas de todo genero, e tantos mantimentos de toda sorte, foi cousa maravilhosa, e que em vinte annos parecia se não poderião gastar... A artelharia, assi dos navios, como dos almazens, era de grande numero de peças de metal mui grandes, em que avia tres basiliscos de admiravel grandeza, dos quaes hum que fora do Soltam de Babylonia, que Rumechan trouxe quando vèo a Dio, por ser peça notavel, Nuno da Cunha mandou a el Rei à Portugal², e as peças de ferro erão sem numero, e dellas mui fermosas, e grandes»³.

¹ Stokvis, *Manuel d'histoire, de géologie et de chronologie* (Leide, 1888), t. 1, p. 260. (Mr. Hartwig Derembourg). Anquetil (*Zendavesta*, t. 1, p. 266) dá ao sultão Bahâdur um reinado de vinte e sete annos e alguns mezes; o P. Tieffenthaler (*Rech. sur l'Inde*, t. 1, p. 415) quinze annos sómente; e o Ayin Akberi (*Ayeen Akberi*, t. 11, p. 19) onze annos e nove mezes. (S. de Sacy, *Mem. cit.*, p. 610).

² He o que oje está no castello de Lisboa, a que chamão Tiro de Dio. (*Nota de João Baptista Lavanha*).

³ Barros, *Decada* IV, liv. VIII, cap. VII, (p. 517 da ed. de 1615). Cf. Couto, *Decada* V, liv. 1, cap. XI.

Como se vê, João de Barros conta que esta peça pertenceu ao sultão de Babylonia (do Egypto), e foi levada para Diu por Rûmî-khân. Esta asserção não parece ser verdadeira, por isso que Kutb ad-Dîn al-Makkî na *Historia da conquista do Yaman pelos Othmanos*¹, conta que Rûmî-khân chegou a Diu no anno de 936 da Hegira (1529-1530 de J. C.), o que é confirmado pelos nossos chronistas²; em quanto que na inscripção da *Peça de Diu* se diz que a mesma peça foi fundida em 939 da Hegira (1533 de J. C.). Além d'isso, se a peça fosse fundida no Egypto, não era provavel que na inscripção se mencionasse o nome do sultão de Cambaia. É certo que Rûmî-khân, quando foi para a India, levou comsigo espingardas e peças de artilharia; e foi talvez este facto que fez suppor a João de Barros, que a *Peça de Diu* fôra levada do Egypto para Diu; mas, em vista das datas, acima citadas, deve rejeitar-se a affirmação de Barros; e parece mais plausivel suppor que a mesma peça foi fundida no reino de Cambaia, talvez em Reynel³.

O P. João de Sousa suppoz que a *Peça de Diu* foi fundida em Constantinopla no reinado de Sulaimân II, sultão dos Turcos, o qual em 1538 enviou a Diu em soccorro do sultão Bahâdur contra os Portuguezes uma armada de setenta navios sob o commando de Sulaimân pâxâ⁴. O P. João de Sousa admittiu ainda que a mesma peça foi tomada em Diu depois da batalha, em que D. João de Castro venceu Rûmî-khân a 11 de novembro de 1546,

¹ *Al-Barq al Yamânî*, liv. I, cap. XI. (Ms. pertencente a Esteves Pereira).

² Gaspar Correia, *Lendas da India*, tomo III, p. 379.

³ «E muyta artelharia, de ferro e cobre, toda de camara, que toda se fazia em Reynel, e se trazia a Dio». Gaspar Correia, *Lendas da India, lenda do governador Nuno da Cunha*, cap. xcv, (tomo III, p. 784). S. de Sacy é de parecer que a *Peça de Diu* foi fundida em Diu, ou pelo menos no Guzarate. (*Mem. cit.*, p. 611).

⁴ Cf. Manuel de Faria e Sousa, *Asia Portugueza*, tom. I, liv. IV, cap. I.

conforme o que escreveu Jacinto Freire d'Andrade na *Vida de D. João de Castro*¹: «Recolheu o Governador os despojos que foram os reais, muitas bandeiras, e quarenta peças de artelharía grossa, em que entrou aquella que hoje temos na fortaleza de S. Gião, que do lugar onde se achou inda conserva o nome». Mas deve ser erro de Jacinto Freire d'Andrade, porque Diogo de Couto nada diz a este respeito, como se vê do que elle escreveu²: «O Governador tanto que vio a victoria arrematada, se foy recolhendo para a cidade que entregou liberalmente a sacco aos soldados, que nella se cevaram bem, e elle se foy ás casas d'el Rey, e nellas achou toda a recamara de Rümecan, de ouro, prata, peças ricas, jaezes, armas de muitas sortes, o que tudo mandou pôr a bom recado, e a artelharía toda que erão quarenta bazaliscos, até camelos de marca maior, e outras muitas de outras sortes».

A *Peça de Dio* foi enviada para Portugal em 1538 pelo Governador da India Nuno da Cunha. Fernam Mendes Pinto, nas suas *Peregrinações*, (Lisboa, 1711, cap. II, p. 3), assim o conta: «Partidas as tres naos del Rey para Dio, e as duas de Mercadores para Goa, prouve a N. Senhor levallas a salvamento. E surgindo as tres na barra de Dio a 5 de setembro do mesmo anno de 1538, Antonio da Sylveyra, irmão do Conde da Sortelha Luis da Sylveyra, que ahi estava por Capitão, as festejou, e recebeu com alegria . . . As tres naos depois de venderem alli bem suas fazendas se forão para Goa só com os Officiaes dellas, e a gente do mar, aonde estiveram mais alguns dias, até que o Governador as acabou de despachar para Cochim, e dahi tomada a carga se tornãrão todas cinco para o Reyno, aonde chegarão a salvamento, levando em sua companhia a nao S. Pedro, que se fizera na India, de que veio por

¹ Jacinto Freire d'Andrade, *Vida de D. João de Castro*, ed. da Academia, Lisboa 1835, liv. III, n.º 28.

² Diogo de Couto, *Decada* VI, liv. IV, cap. II.

Capitão Manoel de Macedo, que trouxe o Basilisco, a que cá chamarão o Tiro de Dio, por se tomar ali na morte do Sultão Bandur Rey de Cambaya, com mais outros dous do mesmo teor, os quais foram dos quinze, que o Rumeção Capitão mór da Armada do Turco trouxe de Sués no anno de 1534, quando deste Reyno foi D. Pedro de Castelbranco nas doze caravellas do soccorro que partirão em Novembro».

A *Peça de Diu* foi primeiramente collocada no castello de Lisboa, onde era conhecida pelo nome de *Tiro de Diu*¹; mais tarde, não sabemos em que epocha, foi levada para a Fortaleza de S. Julião, onde era considerada de pouco ou nenhum prestimo. Na segunda metade do seculo passado, quando se tratou da fundição da estatua equestre de D. José I, foi mandada vir para a Fundição, junto do Arsenal do Exercito, para o seu metal ser empregado; mas não tendo sido necessario, ficou depositada no pateo do mesmo Arsenal, onde ainda hoje se conserva.

No anno de 1778, conta o P. João de Sousa², que o embaixador de Marrocos, por occasião da sua visita ao Arsenal do Exercito, fizera reparo na *Peça de Diu* pela sua grandeza, e quizera medil-a; e nessa occasião notara a inscripção arabe da mesma peça, e pedira ao P. João de Sousa, que o acompanhava como interprete, que a lesse e interpretasse. Entretanto chegara alli Martinho de Mello, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha, e ordenara ao P. João de Sousa que tirasse copia da inscripção. O P. João de Sousa fez d'ella diversas copias, acompanhadas de traducção, das quaes uma foi apresentada á Rainha D. Maria I, e outra á Academia Real das Sciencias, trabalho este que foi impresso nas *Memorias de litteratura portugueza*.

¹ Cf. a nota de João Baptista Lavanha á passagem já citada da *Decada* iv de Barros.

² *Memorias de litteratura portugueza*, tom. v, p. 366 e 367.

ADDITAMENTO

Por inadvertencia affirmámos (atrás pag. 14), que Diogo do Couto não dizia nada a respeito da peça de Diu ser tomada na batalha, em que D. João de Castro, Governador da India, venceu a Rûmî-khân em Diu a 11 de novembro de 1546, sendo verdade que se lê o seguinte na Decada VI, livro IV, capitulo I:

«Aqui [na batalha] aconteceu hum caso milagroso, e foy, que estavam assestadas algumas peças de artilharia pera a ponte, por onde os nossos havião de sahir aos imigos, e antre ellas entrava aquella grande, medonha, e temerosa, que hoje está na fortaleza de S. Gião na barra de Lisboa, que estava carregada de jellalas, que he huma moeda de cobre grossa, e redonda, que tem valia de tres reis. Os Mouros tanto que os nossos sahirão da fortaleza, vendo a ponte entulhada delles puzerão fogo às bombardas por quatro vezes, sem de alguma dellas o tomar: e sem duvida que se Deos assim o não permittira, daquelle só tiro fora o Governador desbaratado».

E ainda no capitulo v do mesmo livro e Decada:

«Depois que o Governador teve a fortificação da fortaleza [de Dio] em estado defensavel¹, ordenoulhe quinhem-

¹ Em abril de 1547.

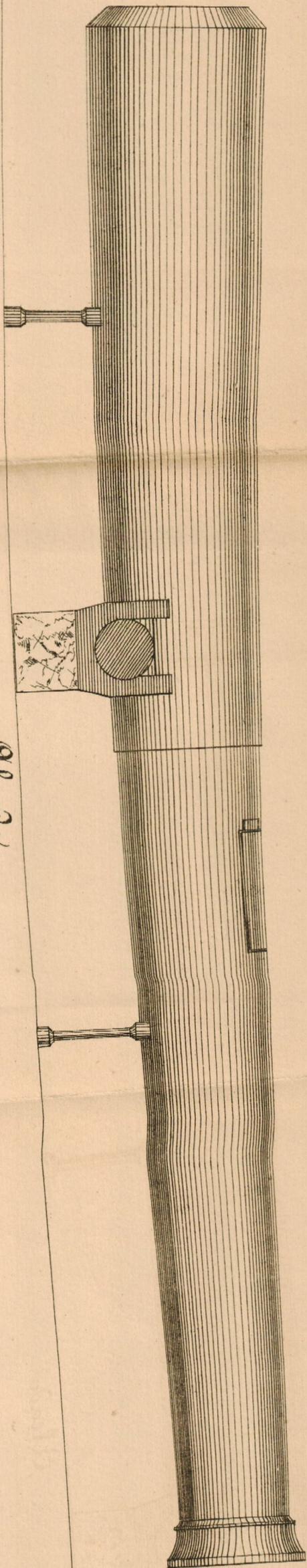
tos homens de presidio com seus Capitaens pera lhes darem mesas, e deixou muito dinheiro pera se lhe pagarem quartéis, e muito trigo, arroz, vacas, manteigas, legumes pera lhes darem, e muitas muniçoens, e artilharia, que foy dos Mouros repartio pelos baluartes, e só aquella peça muito façanhosa (que depois mandou ao Reyno por espanto, que agora está no forte de S. Gião) fez embarcar em huma muito grande barcassa, que custou muito grande trabalho a meter dentro. E na não em que foy pera o Reyno, por não poder entrar pelo cisbordo, a abrião ao lume da agua, por onde a metêrão, e em Portugal segundo ouvimos, nunca se pode tirar senão depois da não estar no estaleiro. Esta peça com outras grandes que ainda hoje estão nos baluartes de Dio, ficàrão do primeiro cerco de Antonio da Silveyra, porque o Baxà Solimão as não pode embarcar».

Esta narrativa de Diogo do Couto está em contradicção, com o que referem João de Barros (Decada IV, liv. VIII, cap. VII) e Fernam Mendes Pinto (*Peregrinações*, cap. II); e parece-nos que houve confusão, talvez devida ao facto de terem sido enviadas para Portugal por diferentes vezes algumas peças de artilharia tomadas em Diu, tanto por occasião da morte de Bahâdur, sultão de Cambaia, como em cada um dos dois cercos, que á nossa fortaleza na mesma ilha puzeram os Turcos no reinado de D. João III.

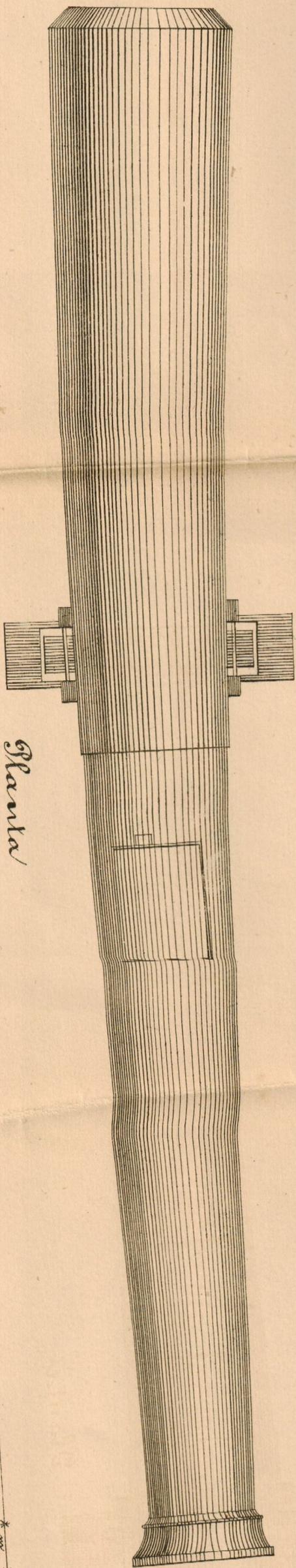
7009



A Boca do Din



Algado



Planta

0,08

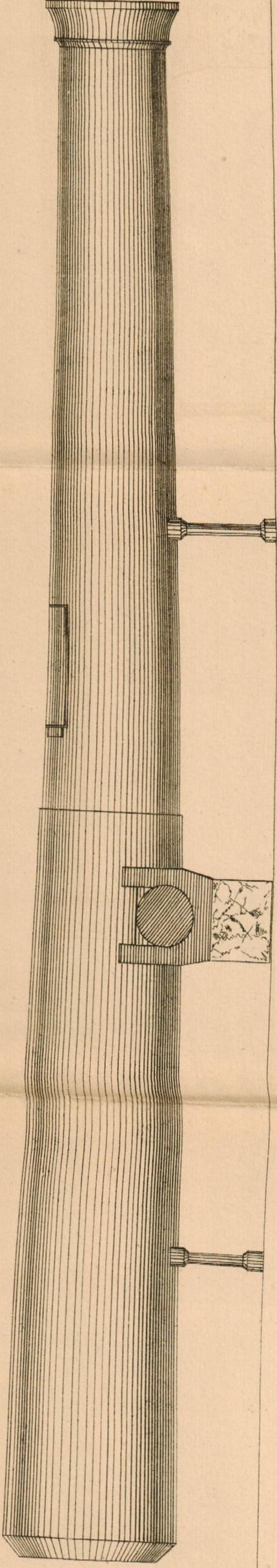
2,84

Boca da 1,20

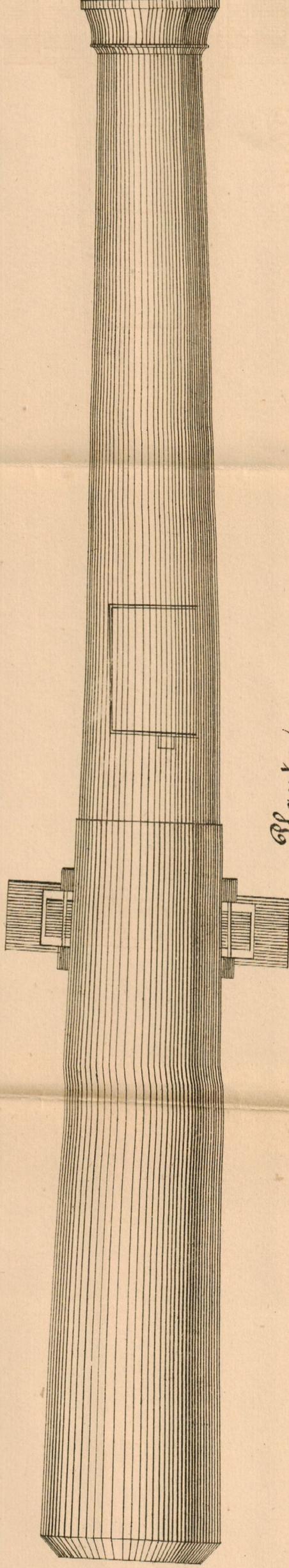
2,96

0,18

A Peça de Dim



Alçado



Planta

Escala 1:20

* 2,84

2,84

2,96

* 0,18

لورنا سلطانا سلاطینا المظفر المظفری

المظفری علی غلام اولاد القن المظفری

القانع ریاسة العالی فی روم القیاس

الوارث ملک سید الواق بانده المنان

الانضال بهادیر شاه السیاط

من المدفع المصنوع فی الانامیس شهر

زی القعدة سنت تسع وکین فی شهر

بسمی